

ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE JAGUARÃO-RS: A MANUTENÇÃO DA TÉCNICA DE TECELAGEM/ CROCHÊ JACQUARD COMO AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES

Miriel Bilhalva Herrmann
Prof. Dr. Jeferson Selbach (Orientador)

RESUMO: A mecanização ocasionou profundas mudanças na sociedade, incorrendo na substituição do serviço artesanal pelas atividades industriais. A partir do uso de máquinas na produção, o indivíduo se desfez de grande parte de suas competências de criação e passou a exercer basicamente serviços repetitivos, modificando sua identidade na medida em que perdeu a referência do que produz. Nosso objetivo foi analisar o processo de manutenção da técnica de tecelagem Jacquard como afirmação das identidades locais, buscando entender de que forma a Associação dos Artesãos de Jaguarão (RS) e outras participantes que trabalham com a mesma técnica artesanal conseguem conservar esse fazer artesanal e a sua importância para a formação e afirmação das identidades. A metodologia consistiu em entrevistas semi-estruturadas com seis artesãs, sendo quatro ligadas à Associação e as outras duas sem vínculo. Também foram colhidos dados sobre a prática da técnica de crochê em jacquard, através da observação dos encontros da Associação. Como principais resultados podemos destacar: o processo de manutenção da técnica do crochê em jacquard se dá através de cursos e oficinas que são oferecidos pela Associação para a comunidade de forma gratuita, na participação em feiras e exposições; não ocorreram significativas modificações da técnica ao longo dos anos, o que mudou foram os novos modelos; as formas de manutenção das identidades se deram com a participação em feiras, momento importante para divulgação e propaganda, oportunidade de divulgar a identidade do artesanato local jagauense, de incentivar mulheres mais jovens para aprenderem todo o processo artesanal de trabalhar a lã desde lavar, cardar, fiar e produzir a peça. Concluímos que as artesãs conservam a técnica de produção do crochê em jacquard, através do modo de fazer esse artesanato que permanece com uma identidade única, que está no processo de fazer da lã que é todo manual e realizado pelas artesãs.

Palavras-chave: artesanato; associação; jacquard; identidade;

RESUMEN: Los profundos cambios provocados mecanización de la Compañía incurrir en la sustitución hacen actividades artesanales Servicios Industriales concha. Dado que el uso de máquinas para hacer la producción o rompió tipo grande de las ITS competencias Creación y pasó a ejercer Servicios básicamente repetitivas modificación de la identidad en los STI en referencia a la pérdida produce. Nuestro objetivo fue analizar o Proceso de Mantenimiento da TEJIDO Jacquard como Afirmación dan identidades locales, tratando de entender cómo la Asociación de Artesanos Jaguarão (RS) y los participantes OTRAS trabajar con MISMO QUE nave puede preservar artesanal y SU importancia decisiones para la Formación Afirmación y las identidades. La metodología consistió en entrevistas semi-estructuradas, con seis en los comederos, siendo de cuatro relacionados con la Asociación OTRAS semana como dos conexiones. Fueron también recogió datos sobre la práctica da crochet en la técnica Jacquard, utilizando dos reuniones Observación de la Asociación. Los principales resultados, se pueden destacar: El Proceso de Mantenimiento da ganchillo en la toma de la técnica Jacquard se dan mediante cursos y oficinas se ofrecen Asociación Para la Comunidad libre una mesa en ferias de Private Equity y exposiciones; NO producido Junto cambios técnicos significativos dos años o cambiado eran los nuevos modelos; Mantenimiento como formas de dar identidad a la participación en ferias DRAM com Divulgación importante y tiempo de publicidad, Oportunidad de revelar que ver la identidad local artesanías jagauense mujeres más jóvenes fomentan el aprendizaje para todos o la nave para el proceso de trabajar allí lavado, cardado, para producir fiable y PECA. En conclusión, como técnica de canaletas retener jacquard ganchillo Producción, utilizando la modalidad que conformar con una embarcación sólo queda la identidad, da ningún proceso que hacemos y todo se hace manualmente y canalones corteza.

Palabras-clave: artesanía; asociación; jacquard ; identidad

1. INTRODUÇÃO

As concepções sobre modos de produção se modificaram em diferentes períodos. Grandes transformações ocorreram com o advento da revolução industrial,

onde muitos dos processos de produção passaram a ser mecanizados. A partir dessa mecanização ocorreram profundas mudanças, com a substituição do serviço rural e artesanal pelas atividades industriais. Com isso a produção artesanal perdeu espaço para a industrial, executada em grande escala, onde o sujeito não precisa mais se expressar, usar a imaginação ou criar um produto, mas executar tarefas específicas e cada vez mais individualizadas, em uma unidade de produção fabril, com baixa interação social. Dessa forma o trabalho é valorizado a partir de um modelo onde é necessário produzir conforme o mercado industrial, no qual somente é reconhecido o trabalho assalariado.

Muitos ofícios rurais e artesanais perderam espaço e valor no mundo do trabalho, embora resistam por longos períodos, sendo passado de geração em geração. No Brasil, as muitas formas de artesanato compõe sua diversidade cultural. No Estado do Rio Grande do Sul, a técnica artesanal que mais se destaca é a tecelagem, que já era exercida pelas culturas indígenas, anterior à chegada dos colonizadores, que utilizavam diferentes tipos de fibras e algodão. Já com a vinda dos padres jesuítas em meados do século XVII, foram introduzidas a fiação e a tecelagem em teares rústicos, utilizando-se também da lã de ovelha.

A tecelagem é um trabalho artesanal que envolve diversas técnicas que são realizadas predominantemente por mulheres. Muitas vezes essas atividades artesanais não são vistas como trabalho, pelo fato de tradicionalmente serem realizadas no campo doméstico e familiar, também por servirem para complemento de renda, que não visa o lucro, mas sim a subsistência. O ofício nasceu da necessidade humana, de vestimenta e aquecimento. Através da tecelagem se produz artesanalmente roupas para evitar o rigoroso frio do inverno rio-grandense, que ao passar dos tempos se tornou referência dentro da cultura, como são as peças de lã crua feitas no tear. O fazer artesanal tem maior expressividade em regiões da campanha, onde há grande produção de ovinos, que geram abundância da matéria-prima, no caso a lã. A tecelagem é importante expressão cultural, pois por meio dela produz-se conhecimento e cultura, contribuindo para a manifestação da identidade popular e a riqueza da cultura local. Através dela o indivíduo se percebe e se reconhece.

Dessa forma a identidade cultural pode ser considerada o conjunto de valores comuns entre os grupos sociais, independente da identidade individual. Através dela

o indivíduo se localiza dentro da sociedade ou é localizado. É usada como forma de movimentação social, definida a partir de dado contexto, já que todos fazem parte de uma tradição cultural que se expressa e se comunica através de práticas simbólicas e discursivas. A identidade necessita de suportes como a memória, para se diferenciar de outra cultura e se afirmar como tal. A fronteira caracteriza-se por dividir dois grupos sociais, sem que isso impeça trocas culturais entre os grupos distintos. A zona fronteira é espaço privilegiado, que proporciona o intercâmbio com identidades diferentes e a interação entre outras culturas, resultando numa identidade cultural própria, diversa e peculiar.

Jaguarão, município que faz fronteira com a cidade uruguaia Rio Branco, destaca-se como única no desenvolvimento da técnica de crochê em *Jacquard* no Estado do Rio Grande do Sul, que consiste no trabalho artesanal onde são utilizados dois ou mais fios com cores diferentes, originando a formação de desenhos e estampas variados durante o entrelaçamento dos fios. O processo inclui a extração da matéria prima, a lavagem da lã, o cardamento, a fiação em roca ou em fuso e a confecção de peças diversificadas, onde se destacam os elementos de vestuário como ponchos, palas e ruanas, característicos da indumentária da região do pampa. A técnica é mais conhecida em tricô, mas também pode ser realizada em crochê. Essa prática foi nomeada *Jacquard* em referência ao francês Josaph Marie Jacquard, que no século XIX inventou uma máquina capaz de criar tecidos coloridos usando fios de diversas cores.

A permanência dessa técnica é constantemente por diversos fatores, como a industrialização, que gera produtos com menos custo, a desvalorização do produto, já que são feitos artesanalmente e demandam maior tempo na execução. Assim como a sociedade moderna com a necessidade do imediato, gera-se desinteresse de novos artesãos em dedicarem-se ao ofício, indo na busca de algo mais rentável. Soma-se a isto a falta de incentivos públicos, pelo fato de não perceber essa atividade como forma de desenvolvimento econômico. Também há a ameaça geracional, pois poucas jovens se interessam hoje em aprender a técnica artesanal por ser um trabalho difícil, trabalhoso e sem prestígio.

Desse modo, o desenvolvimento local é a possibilidade de criação de outras formas de geração de renda, a partir de atividades simbólicas do território, assim como o artesanato feito a partir da lã, dando ênfase a atividades representativas da

identidade e cultura, mas que muitas vezes necessita de rede de apoio e organização de todos que fazem parte da comunidade local. Nosso objetivo foi entender de que forma a Associação dos Artesãos de Jaguarão (RS) e outras participantes que trabalham com a mesma técnica artesanal conseguem conservar esse fazer artesanal e sua importância para a formação e afirmação das identidades. Analisamos a motivação da permanência do ofício entre as artesãs, levantando as modificações pelas quais a técnica passou ao longo dos anos e, por fim, identificando as formas de manutenção das identidades nos encontros do grupo.

A pesquisa teve como público-alvo artesãos da Associação dos artesãos de Jaguarão, onde é realizado o artesanato em lã, assim como a técnica de crochê em *jacquard*, pois é esta que os diferencia de outros grupos de artesãos dentro do Estado do Rio Grande do Sul. Foram selecionadas quatro artesãs dentre as que por mais tempo desenvolvem a técnica. E além destas, também foram entrevistadas duas artesãs que não estão ligadas a Associação, mas que produzem o artifício há muitos anos. Realizamos uma pesquisa qualitativa, que consistiu em entrevistas semiestruturadas, direcionadas às artesãs que estão a mais tempo trabalhando com a técnica do artesanato de crochê em *jacquard*. Trabalhamos com questões como: a manutenção da técnica do crochê em *jacquard*; a afirmação das identidades; a motivação entre as artesãs para a permanência da técnica; e as modificações que a técnica sofreu ao longo do tempo. As entrevistas foram realizadas individualmente na sede da Associação dos artesãos, local em que estes se reúnem para trocas de informações, para atenderem ao público, produzirem o artesanato e oferecer cursos. Aconteceram na parte da tarde, período de dois meses. Conforme BONI e QUARESMA (2005) as entrevistas semiestruturadas possibilitam maior número de informações, que levam a informações individuais, que se relacionam com valores, os costumes e o conhecimento dos indivíduos. Também foram colhidos dados sobre a prática da técnica de crochê em *jacquard*, através da observação dos encontros do grupo. Essas observações foram registradas por meio de imagens fotográficas descritivas e foram adicionadas ao trabalho de forma que a técnica pudesse ser melhor entendida.

2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE TRABALHO E IDENTIDADE

O trabalho é uma ação que traz significado à existência humana, pois o ser humano é o que produz, só se integra ao meio social através do trabalho. Para

ANTUNES (2002), o trabalho possibilita a passagem do ser humano não social para o ser social. É necessário para qualificar o indivíduo e suas ações, pois sem ele o perde valor na sociedade, não percebe outros valores de caráter além do trabalho. Porém a produção e criação não o pertence mais, executa serviços determinados pela economia capitalista. O ser humano perde sua particularidade, passa a ser percebido como instrumento, onde o que interessa é sua força de trabalho e não mais sua habilidade criadora de produzir objetos que o identifique e tenham sentido no meio social em que esta inserido.

Deste modo, o individuo não detém mais o processo de produção, que anteriormente planejava e executava em sua totalidade. Atualmente executa tarefas específicas e individualizadas, na qual necessita cada vez mais de especialização. Segundo SENNETT (2009), o homem torna-se extensão da máquina, tendo que cumprir metas e suprir expectativas de acordo com a nova dimensão que se apresenta. Por causa disso, “a rotina industrial ameaça degradar o caráter humano em suas próprias profundezas”. Já que a rotina de trabalho é desgastante, o ambiente das fabricas é insalubre, com grande pressão para que a produção renda ao máximo e também por falta de sociabilidade, pois cada um executa sua tarefa individual, fixa e rígida. O trabalho perdeu a subjetividade criadora.

O ser humano perde sua capacidade de criar, passa essa tarefa para a máquina, mudando a concepção do trabalho. Essas alterações foram geradas por meio da Revolução Industrial, que provocou diversas conseqüências com o crescimento urbano e a implantação de novas tecnologias, onde o trabalho manual foi substituído pela máquina a vapor. A partir dessa revolução vieram várias outras, provocando muitas mudanças no trabalho, mas também econômicas e sociais. PALANGANA e INUMAR (2001) afirmam que na sociedade industrial o trabalho sofre diversas transformações na configuração da sua organização, tanto no modelo do trabalho quanto no método de produção. Estas mudanças vão além do mundo do trabalho, atingindo também todas as relações da vida em sociedade.

O que rege essa nova sociedade que se configura é a economia de mercado. GIDDENS (1991) diz que a produção industrial e sua alta tecnologia possibilitam a criação de produtos com maior qualidade e custo menor. Com a chegada do capitalismo, o sistema necessita de mais consumidores, novas portas se abrem, surgem o contrato de trabalho e o trabalho assalariado. Dessa forma, o uso de

máquinas propiciou o crescimento da produção e conseqüentemente de lucros, acarretando um deslocamento das populações rurais para as cidades. A partir desse crescimento na produção, as fábricas tornaram-se o principal recurso para as pessoas obterem sustento, através da venda da força de trabalho.

Neste contexto, o trabalho manual não teve condições de competir com os produtos industrializados. Para CANCLINI (1995), os trabalhos artesanais obedecem a outra forma de fabricação, que no meio urbano acabaram sendo supridas pelas indústrias, onde a disputa é desfavorável, levando os artesãos à prática de serviços marginais onde a capacidade criadora dos artesãos continua a ser utilizada. Uma vez que o artesanato é uma atividade, que prevê mais tempo e dedicação, não tem como ser produzido em grande escala e pelo fato de ser manual, não se produz uma mesma peça igual a outra e não há perfeição. Mas o artesanato é muito mais que simples reprodução e processo de produção. Seu significado só é sensato colocando-o no contexto em que está inserido, vinculando-o com as práticas sociais que envolvem todo processo de criação e de subjetivação.

Existem várias técnicas artesanais que contribuem para a diversidade cultural, são tantas que é impossível determinar o que é artesanato, pois possui muitas particularidades, onde o que é produzido pode ser “utilitário, estético, artístico, criativo, relacionado à cultura, decorativos, práticas tradicionais e de valor simbólico do ponto de vista religioso e social.” (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO, 2010). A tecelagem é uma das técnicas mais antigas que persiste ainda hoje, artesanato feito com lã, possibilitando criar diversas peças, como cobertores, mantas, ponchos, geralmente peças com o intuito de combater o frio. Este artifício pode ser percebido comumente no âmbito familiar, passado por várias gerações, adquirindo assim diversas significações.

A atividade artesanal envolve muitos significados. De acordo com KELLER (2014), o artesanato não pode se restringir somente como ingênua tarefa manual. Traz a habilidade de delinear e de inventar artefatos baseados em elementos da cultura, assim como a propriedade do saber/fazer, da técnica. Este ofício abrange o processo de produção e de criação. Entretanto na sociedade moderna o trabalho artesanal passa a ter caráter de precariedade. Assim, as diferentes naturezas de produção societária de artesanato no mundo atual configuram-se tanto como formas

de permanência social quanto de resistência cultural. Também como forma de afirmação identitária, pois através do artesanato um grupo social pode se identificar como diferente de outro e se localizar.

O local é o agente que propicia identificar e aproximar características do espaço por certo grupo, na qual o ambiente produz a sua identidade (NETO e BEZZI, 2008). Dessa forma a identidade é influenciada pelo meio em que vive, seja o meio de origem ou aquele que escolheu fazer parte. É importante forma de localização social, que se caracteriza por ser um processo consciente, individual que se desenvolve e se transforma dentro dos grupos sociais. É uma forma de caracterização do indivíduo. Conforme RIBEIRO (2010), a identidade como caracterização do sujeito, é um conceito que se estabeleceu no decorrer das ações sociais. Perceber isso significa entender que a identidade é construção e por isso suscetível à transformações. Constitui conjunto de escolhas, que definem o que o sujeito é e quer ser, mudando de acordo com o contexto em que está inserido e não depende integralmente da cultura. CASTELLS (1999) afirma que em relação aos grupos sociais, a identidade é ação que constitui significações com apoio em características culturais com relação entre si, tendo predomínio em relação a outras significações existentes. É processo de escolhas, que se apresenta através das diferenças e do contato com o “outro”.

Apresenta-se, portanto, através de um equilíbrio de tensões entre o ser e o vir-a-ser, sendo uma forma de localizar o indivíduo e ser localizado dentro da sociedade. Então a identidade é marcada pela diferença, pois para existir e se diferenciar, precisa de outra de fora do seu meio para afirmar sua própria identidade e através da representação é possível determinar o que é essa identidade e qual é a diferença. Conforme HALL (2006), as identidades culturais passam a existir por meio do pertencimento de todos os sujeitos a uma mesma diversidade cultural. Dessa forma, é o conjunto de valores que é compartilhado entre um grupo social, fazendo com que se localizem e sejam localizados dentro da sociedade.

O artesanato além da sua importância para o grupo social se identificar e se localizar, também é importante como fator de desenvolvimento local. O desenvolvimento local é uma possibilidade de instituir novas formas de subsistência. ALBUQUERQUE (1998) afirma que é um processo que envolve a integração de diversos atores sociais que pertencem à comunidade, com o intuito de estimular a

organização social de geração de emprego e renda. A atividade artesanal propicia o emprego de indivíduos da própria comunidade onde está sendo feito. Assim como a geração de renda, onde através de associações, artesãos conseguem unir forças de forma que possam definir o processo de criação, produção e venda do seu produto, sem necessitar de atravessadores, que por muitas vezes desvalorizam o trabalho, fazendo com que o artesão fique com a menor parte do rendimento.

Dessa forma, todos os membros que constituem a comunidade serão beneficiados através do desenvolvimento local, pois fortalecerá todas as cadeias produtivas. Conforme VARINE (2013), esta é uma maneira de liberdade, porque se reproduz no interior da comunidade e porque se ampara na cultura existente. É uma ação espontânea de propriedade “da mudança cultural, social e econômica”. Não está atrelado a uma instituição. Para o desenvolvimento local acontecer é necessário envolvimento de todos os integrantes que fazem parte da comunidade, na qual compartilham a vida social e cultural. O artesanato pode ser agente de grande importância para o grupo social, já que serve de referência identitária, possui valores culturais e simbólicos e também pode ser objeto de desenvolvimento econômico.

Assim, o artesanato carrega em sua essência o valor simbólico, imaterial e material. Caracteriza-se como patrimônio, pois consiste em tudo que possui valor e significado para um grupo social. De acordo com SILVA (2007) os bens culturais, representados pelos objetos e artefatos, são a materialização da nossa cultura. Através destes, um grupo social se identifica e se determina como tal. A Constituição Federal de 1988 (CF/88) institui que patrimônio são todos bens de caráter material e imaterial, apreendido em específico ou ligado, que seja portador de referência à identidade, à ação, à memória de diferentes grupos. Patrimônio é tudo aquilo que tem sentido e importância para a coletividade, seja ele material ou somente as manifestações culturais. LEMOS (2013) ressalta que patrimônio são elementos referentes ao “conhecimento, as técnicas, ao saber e ao saber fazer”, que envolve a habilidade do indivíduo de transformar seu meio.

O artesanato é elemento para a formação da identidade cultural de grupos sociais, possibilita o desenvolvimento econômico local e também possui valor material e imaterial. Por isso, a técnica de artesanato em *jacquard*, conforme PORTELA e MENDES (2010) é um trabalho artesanal na qual se utilizam dois fios,

que entrelaçados formam desenhos e estampas variadas, desenhos construídos em sua própria estrutura. Exige do artesão grande perícia dos processos da tecelagem, para que seja bem aproveitado as propriedades da matéria prima utilizada.

3. PERFIL DAS ARTESÃS

O município de Jaguarão localiza-se no extremo sul do Rio Grande do Sul e faz divisa com Rio Branco no Uruguai, assinalando sua constituição fronteiriça. É uma região com base econômica agrícola, possuindo significativa produção de ovinos, o que acarreta abundante produção de lã, utilizada para fazer peças da indumentária local. A Associação dos Artesãos de Jaguarão (RS) foi fundada em 04 de setembro de 2004, em reunião no auditório do Circulo Operário, por um grupo inicialmente formado por 20 artesãs. Tinham por intuito agregar os trabalhos artesanais produzidos a partir da lã ovina, assim como obter melhores condições de desenvolvimento, ampliar o mercado e possibilitando a visibilidade das suas técnicas. Inicialmente a sede foi estabelecida em sala provisória no prédio do Circulo Operário. Ao longo do tempo, passou por diversos endereços, contando como apoio de agentes públicos e fundações. Atualmente possui sede no Centro de Economia Solidária, onde começou a participar do projeto chamado *RS da economia solidaria* que busca promover a cadeia artesanal gaúcha. Para se certificar como integrante do centro da economia solidaria, deve prestar trabalho voluntário e solidário à comunidade, de forma a justificar o uso do prédio público. Todos os projetos a serem aprovados têm de beneficiar não somente os associados, mas toda comunidade.

No local, as artesãs tem espaço para expor seus trabalhos e realizar cursos e oficinas. Também atendem a comunidade que se interesse em aprender alguma técnica artesanal. Conta atualmente com 13 sócios, mas trabalham na escala de atendimento na sede somente 08 artesãs. Todo trabalho realizado dentro da associação é voluntário. Do total de integrantes, apenas 04 fazem o artesanato em *jacquard*. Dessa forma, os perfis das entrevistadas são semelhantes.

Como N.S.S que tem 69 anos, é casada, aposentada rural e começou a trabalhar com lã desde criança. Desde 1968, sua mãe já trabalhava com lã, produzindo com o tear no início e só depois aprendeu a técnica do crochê em *jacquard*. Por isso, se interessou e também começou a produzir o artesanato há vinte anos, após passa a ser aposentada, onde teve mais disponibilidade e tempo,

antes trabalhava como costureira para auxiliar na renda familiar. Ensinou a técnica básica para a neta e nora. Prefere não dar curso, uma vez que começa o projeto de uma peça e acaba finalizando em outra, demonstrando que o processo de produção é individual, a artesã expressa suas características, que são diferentes de uma para outra de acordo com o seu meio social, que pode ser família, trabalho e amigos. Na associação faz parte desde o início, há onze anos, sendo uma das fundadoras. Com tudo isso a artesã N.S.S denomina-se artesã porque é o que gosta e sabe fazer: “tudo que faço é com as mãos e eu quem crio, todas as idéias são minhas”.

Já W.A tem 43 anos, é viúva, foi advogada por 14 anos e também é pensionista, aprendeu todo o processo artesanal da lã desde o início até o produto final. Começou a criar artesanato como forma de desacelerar, pois morava em uma cidade grande, tinha um estilo de vida estressante, com muitas atribuições e estava esgotada, algo já detectado por SENNETT (2009), para quem o ser humano, na sociedade moderna, está exposto à rotina do trabalho e a grande demanda de produção, ocasionando um desgaste físico e mental, na qual seus hábitos se tornam cada vez mais individualizados. W.A. veio morar em Jaguarão em 2009, para desfrutar de uma melhor qualidade de vida. Logo entrou para a Associação, porque tinha contato com o artesanato, fazendo crochê. Fez o curso de tear, e aprendeu varias técnicas, inclusive o da lã e o *jacquard*, entusiasmando-se assim pelo trabalho artesanal e vivendo dele até hoje. Revela que o artesão atualmente é reconhecido como profissão e artesão é aquele que cria: “sou artesã porque eu crio, faço o artesanato pensando em criar algo diferente. Penso no que vai ser produzido, isso é ser designer do seu próprio produto. Ser artesão é ter o dom de criar e estar constantemente criando”. Assim, artesão é aquele que detém o processo de produção na qual determina o que irá produzir e como, dessa forma imprimindo sua identidade no produto criado, em acordo com KELLER (2014), para quem o artesanato não deve ser classificado somente como um trabalho manual, pois este carrega toda a habilidade de esboçar e de conceber objetos baseados em características culturais, ofício que envolve o processo de produção e de criação.

A artesã N.P.O tem 74 anos, é divorciada, de formação contabilista, aposentada rural, morou na campanha, onde aprendeu a técnica do artesanato. No âmbito familiar, sua avó e mãe trabalhavam com lã de ovelha, faziam diversas peças com a matéria prima, como cobertas, colchões, travesseiros e roupas. Relata que

desde os 05 anos de idade já trabalhava com a lã, abria para cardar e fazer colchão, ajudando a mãe e a vó, como forma de recreação. Quando se casou, o marido tinha criação de ovinos e havia fatura de lã, mas a lã preta não era comercializada, não apresentava valor comercial, virava refugo. Começou assim a aproveitar essa lã não utilizada, fazendo trabalhos artesanais. O primeiro que produziu foi uma colcha. Logo quando se mudou para a zona urbana dedicou-se ao *jacquard*, tanto em crochê como em tricô, com participação em feiras. A partir disso ensinou a técnica para várias pessoas, porque gosta de transmitir o que conhece. Há 05 anos entrou para a Associação com o intuito de ensinar: “sou artesã porque é o que mais gosto de fazer, trabalhar com o artesanato em lã, não vivo sem estar enrolando ou tecendo a lã”.

A entrevistada C.C.D tem 44 anos, é casada, trabalha com lã desde a infância, sendo oriunda da campanha. A família criava ovelhas para o consumo. Dessa forma, aproveitavam a lã para fazer cobertas e mantas. Faz parte da Associação a 07 anos. A aproximação surgiu a partir de um curso realizado pelo SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) juntamente com a Associação. Decidiu ser artesã porque não sentia satisfação no trabalho que exercia uma atividade burocrática de escritório. Agora faz o seu próprio horário e trabalha pra si própria, sem regras determinadas e impostas por terceiros.

Existem outras artesãs que não fazem parte da Associação, mas detêm a técnica do crochê em *jacquard* e produzem o artifício há muitos anos. Como, N.S.M que tem 65 anos, é casada, aposentada, foi criada durante 34 anos na campanha e desde pequena gostava de costurar e realizar trabalhos manuais. Começou fazendo cobertas e chergão (peça utilizada na indumentária equestres), até o momento em que assistiu sua mãe fazendo o *jacquard*, se interessou e aprendeu observando. Tem conhecimento do tricô, mas gosta mais de fazer o *jacquard*. Denomina-se artesã porque é registrada como tal e por fazer um trabalho artesanal.

E também, N.D.S que tem 89 anos, é viúva e aposentada, originária de família criadora de ovinos, na qual aproveitava a lã para fazer cobertas e colchões. Em 1970, estimulada por um amigo, fez um curso para aprender a fiar a lã, junto com outras 17 mulheres. Só ela prosseguiu até hoje, onde percebe-se o desinteresse em continuar a produção do artesanato após os cursos. Aprendeu a técnica do crochê em *jacquard* com outra artesã em 1983. Diz ter demorado a

aprender, pois é canhota e a instrutora era destra. Tão logo aprendeu, procurou ensinar para as filhas. Intitula-se artesã porque faz o trabalho artesanal, como pala, chergão e boina, entre outros.

4. O PROCESSO DE MANUTENÇÃO DA TÉCNICA DE CROCHÊ EM JACQUARD

Da mesma forma que o perfil, a manutenção da técnica de crochê em *jacquard* é muito semelhante. Tanto N.S.S quanto N.P explicam que o processo de manutenção da técnica é realizado através de cursos e oficinas que são oferecidos pela Associação para a comunidade de forma gratuita. N.S.S diz que “a criação é um processo individual, que muda de pessoa para pessoa”. Desse modo, elas ensinam, transmitem o saber/fazer, mas a criatividade aplicada no momento de produzir é uma ação individual, onde se expressão as peculiaridades. A artesã W.A ressalta que já ensinou pessoas que a procuram para aprender, elas estão na associação à disposição de todos os interessados e que também procuram divulgar e incentivar mulheres mais jovens, para que detenham todo o processo artesanal de trabalhar a lã desde lavar, cardar, fiar e produzir a peça. Percebe-se nessa fala da artesã W.A que há uma ampla disponibilidade das artesãs em ensinar, procurando estimular cada vez mais outras pessoas a desenvolverem esse artesanato, pois quanto mais pessoas aprenderem a técnica artesanal, mais oportunidades esta têm de permanecer.

Segundo as artesãs N.S.S e W.A, a participação em feiras e exposições também é um importante fator para a manutenção, uma vez que ocorre a divulgação e propaganda dos trabalhos dos artesãos, momento onde estão sendo vistas, tendo a oportunidade de trazer o trabalho para o conhecimento de indivíduos de outras regiões do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, podendo se interessar pela técnica, já que a ideia é que essa continue existindo, isso significa que pessoas de outras cidades também tenham a oportunidade aprender a técnica, assim como já acontece em Arroio Grande, vizinha a Jaguarão. Também a artesã C.D relata “que já existem pessoas de outras cidades participando dos cursos oferecidos pela associação”. Nesse sentido a artesã N.S.S afirma que é necessário a comercialização das peças realizada na feira da economia solidaria que acontece na cidade de Jaguarão, um sábado a cada mês, pois incentiva e divulga os trabalhos artesanais. E que é de

suma importância a comercialização que ocorre em feiras na região, como expointer, expofeiras e fenadoce.

Compreende-se que há uma preocupação em transmitir a técnica e principalmente para pessoas mais jovens, porque são poucas artesãs a praticarem a técnica e também pelo fato dessas que ainda produzem esse artesanato pertencerem ao grupo social da terceira idade. Para W.A, além de divulgar e passar a técnica adiante através de projetos com os gestores, oferecendo cursos e oficinas para a comunidade. Ademais, é preciso dar continuidade, já que o artesanato feito com lã é uma forma de geração renda para a cidade. A lã vem direto do produtor, é tratada e processada na comunidade jaguarense. Nota-se que a dificuldade em manter a técnica, advém da falta de interesse das pessoas em explorar novas possibilidades e novos meios de subsistência, pela ausência de pretensão de ir a frente para mudar a condição econômica e social. As pessoas não querem ter trabalho, esperam facilidade, o desinteresse é de todas as camadas sociais. W.A expressa que “é preciso trabalhar com a cabeça e não só com os braços”. É necessário buscar fidelidade do comprador, para que ele adquira o artesanato e continue mantendo contato com a artesã e também passe adiante o bom relacionamento para outros. O retorno econômico na atividade artesanal não é imediato, porém se for bem feito e pensado pode ter continuidade. O trabalho manual que, para CANCLINI (1995), não é uma atividade vista como algo rentável, pois seu processo de produção é moroso e o produto final não é valorado.

Para W.A, a comercialização feita por meio pessoal, loja virtual, através de panfletos, na sede da Associação e na feira da economia solidaria da cidade é um importante instrumento para perpetuar o artifício. Assim como nas feiras em que participam, as artesãs percebem que existe a procura pela Associação, por serem reconhecidas de outros eventos, pelo trabalho em lã natural e o *jacquard*. A Associação consiste em um ponto de apoio para as artesãs, local onde a trabalhadora artesanal pode expressar seu trabalho. Lugar onde a artesã pode ter incentivo e força, pois através dessa pode se discutir e buscar alternativas para fortalecer e desenvolver o trabalho artesanal. W.A relata estar retornando a valorização do produto personalizado e que tenha diferencial, pois não há peça feita manualmente uma igual a outra. Expressa que o campo para a atividade artesanal está em crescimento, pelo fato de produzir artefatos exclusivos que possuem valor

simbólico e cultural, oferecendo distinção e status a quem consome. N.P.O, expõe que uma das alternativas para dar continuidade a técnica é por meio do ensino: “ensinei varias pessoas, gosto de passar o que sei”. Começou a fazer parte da Associação com o intuito de ensinar, de forma que o processo não termine. Mas são poucas as pessoas que se interessam em fazer o artesanato e trabalhar com a lã, fazer todo o processo, assim como a técnica de fazer o fio, “são poucas que fazem o fio e um bom fio, pois o artesanato precisa de um fio adequado, se não fica mau acabado”.

As artesãs C.C.D e N.S.M declaram existir apoio e incentivo da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) ao pequeno artesão que trabalha com lã, levando os produtos para as feiras da região, dessa forma divulgando o artesanato de Jaguarão, e que isso é um modo de manter a técnica do crochê em *jacquard*. Neste sentido, C.C.D destaca que existem cursos promovidos junto a prefeitura para ensinar a técnica, na qual vem pessoas de Arroio Grande participarem. Mesmo com incentivos através de cursos e oficinas, permanece a dificuldade em continuar a técnica, pelo pouco interesse. Isso ocorre por diversos fatores, como, a lã natural pronta para produzir o artesanato não é um produto acessível de se obter, para fazer todo o processo é difícil e demorado e a lã pronta possui custo maior. Também muitas pessoas não querem trabalhar com lã natural, por causa de alergias, por ser suja e pela dificuldade em fazer o artifício e pelo tempo que é necessário dispor para a efetivação do produto. N.D.S, relata que para continuar a técnica, oferece seu ensinamento a quem demonstrar interesse. Porque através do ensinamento e aprendizado, pode-se continuar mantendo não só o *jacquard*, mas também diversas técnicas artesanais que estão se perdendo todos os dias.

5. MODIFICAÇÕES PELAS QUAIS A TÉCNICA PASSOU AO LONGO DOS ANOS

O artesanato em *jacquard* vem se mantendo, mas passando por diversas transformações sociais. Mesmo assim, a técnica não sofreu modificações ao longo dos anos. Todas as seis artesãs entrevistadas afirmam não ter havido mudanças no modo de fazer da técnica desde que a Associação teve início em 2004. Dessa forma N.P expõe que desde quando aprendeu o fazer artesanal com a mãe e a avó, faz do mesmo modo o *jacquard*, com agulha de crochê e com lã natural produzida em

Jaguarão, lavada manualmente (Figura 1), cardada (Figura 2) e fiada na roca (Figura 3). Algumas artesãs tingem, mas o método é alcançado de forma natural, com pigmentos naturais como casca de beterraba e cebola. O ponto é sempre o mesmo, ponto baixo, que rende pouco, mas o artesanato fica mais bem acabado. Diz que “o que inovou foram as peças que são criadas de acordo com a criatividade pessoal”. N.S.S aponta que faz parte da Associação desde a fundação, que o *jacquard* é feito ponto por ponto, o desenho não é bordado é trabalhado no próprio tecido utilizando duas ou três de fio de lã. Ressalta que “é muito difícil, porque para produzir uma peça grande se demora 45 dias. É um trabalho moroso, feito carreira por carreira e se o fio arrebentar é preciso começar tudo novamente e se errar um ponto não fecha o desenho”.

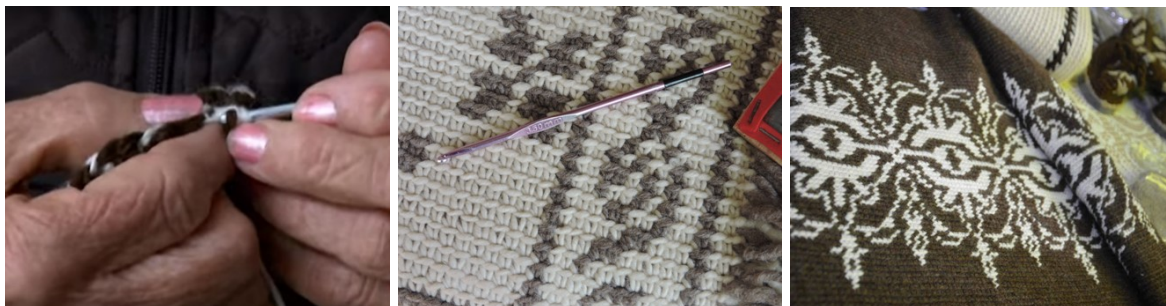
Figuras 1 a 3 – Nas imagens abaixo as artesãs realizando o processo de produção da lã. Na figura 1 a artesã está lavando a lã, que após secar. Na figura 2 a lã está sendo cardada para que possa logo ser fiada assim como mostra a figura 3, onde a artesã está produzindo o fio da lã para a produção do artesanato.



Fonte: Imagem realizada durante a pesquisa

O *jacquard* feito em Jaguarão é em lã natural, onde a peça produzida fica perfeita do lado direito e avesso. A partir destes relatos constatamos que a transformação sucedida foi na criatividade de criar novas peças e desenhos, gerando diversidade de produções. A artesã W.A afirma que o crochê em *jacquard* feito em Jaguarão segue sempre em uma direção, está sempre começando. A técnica do *jacquard* é feita com dois ou mais fios de cores diferentes, construindo gráficos (Figuras 4 a 6). A técnica veio de fora e foi adaptada para fazer as vestimentas da região, incluindo o *jacquard* dentro da técnica do crochê. A artesã diz que a técnica é fácil, pois já trabalhava com o crochê. Sente maior dificuldade em fazer o tricô e tear.

Figuras 4 a 6 – Nas imagens abaixo demonstram como é feito o crochê em *jacquard*, com dois ou mais fios de lã de cores diferentes, utilizando uma agulha de crochê, onde o entrelaçamento dos fios irá construir gráficos.



Fonte: Imagem realizada durante a pesquisa

A artesã C.C.D. conta que não há registros de quando começou a técnica de crochê em *jacquard* em Jaguarão, mas há relatos orais de que esta técnica chegou à região por meio de freiras francesas e sobreviveu aos tempos por conta das famílias que continuaram transmitir a técnica. A artesã diz “é uma técnica simples, feita do mesmo jeito desde que começou a fazer, com a lã natural artesanal, o que torna mais difícil o trabalho”. N.S.M fala que “o ponto feito é sempre o mesmo, e o processo de lavagem da lã até o produto final também é todo manual e natural. O que atualmente mudou foram os modelos das peças, que são mais diversificadas”. N. D. S, expõe que o *jacquard* é trabalhoso, é necessário ter paciência e gostar. Salienta que algumas artesãs trabalham com lã industrial, mas essa faz com que o produto tenha uma perda na qualidade. A partir dos relatos das artesãs percebe-se que desde que elas começaram a praticar esta técnica, fazem do mesmo modo, sendo todo o processo manual. Houve modificações, mas nos modelos das peças criadas, que anteriormente eram somente peças de cunho regional como ponchos e palas para ser utilizado no meio rural, atualmente produzem diversos modelos como forma de atender as novas necessidades que se apresentam, já que o meio em que este artesanato está inserido hoje é urbano. Deixaram de ter o caráter somente utilitário para proteger do frio regional, mas passaram a agregar um estilo estético também, se espelhando em tendências, produzem mantas, casacos, almofadas, peças decorativas diversas.

6. AS FORMAS DE MANUTENÇÃO DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO ARTESANATO

Mesmo diversificando os estilos das peças produzidas, as artesãs de Jaguarão buscam por meio de diversas formas manter a identidade do seu

artesanato. Como afirma HALL (2006), a identidade cultural são todos os aspectos compartilhados por um grupo social. É o modo de um grupo ou indivíduo se localizar e se identificar como diferente de outro. Sendo uma importante forma de diferenciação e caracterização, o artesanato de Jaguarão confere uma identidade única pelo fato de trabalhar com o crochê em *jacquard* feito com lã natural e com técnica manual, onde o processo de transformação da lã em matéria-prima é realizada pelas próprias artesãs.

W.A ressalva que por meio da divulgação e incentivo para que outras mulheres aprenderem o processo artesanal de trabalhar com a lã desde lavar, cardar, fiar e produzir a peça é uma forma de manter o artesanato de Jaguarão com a sua identidade distinta de outros lugares. Quando ocorrem concursos, a peça é bastante divulgada nos jornais e rádios, recebendo exposição gratuita para desenvolver o artesanato de Jaguarão e contribuir para manter uma identificação distinta das demais. A artesã N.P.O diz que através do ensino da técnica, passando como é realizado todo o processo, com a lã natural, isso possibilita manter a identidade local do artesanato.

C.C.D também aponta que a partir de cursos feitos junto com a prefeitura para ensinar a técnica e o processo de tratamento da lã, constituem alternativas de manter a tradição de fazer o artesanato com lã natural. As questões em relação a Associação são decididas em reuniões que ocorrem mensalmente e em parceria com o SEBRAE, onde um designer oferece oficinas para desenvolver o artesanato, sem perder sua identidade. O local é o agente que propicia identificar e aproximar características do espaço por certo grupo, na qual o ambiente produz a sua identidade (NETO e BEZZI, 2008). O contexto em que está inserido o artesanato influencia em seus aspectos identitários, como em Jaguarão que surgiu o artesanato a partir da criação de ovinos, que gerou a produção de lã, que começou a ser aproveitada para confeccionar vestimentas para a proteção do frio dos que trabalhavam no campo e com o tempo tornou-se característica da cultura local.

N.S.M e N. D. S reforçam que o que identifica o artesanato feito em Jaguarão é por ser realizado com lã crua, onde todo o processo é realizado na cidade, não trabalhando com lã industrial, porque essa faz com que a peça não permanece por muito tempo. Compreende-se que o que diferencia o artesanato feito pelas artesãs da Associação de Jaguarão é o fato de ser feito com lã natural produzida por elas,

onde todo o processo de tratamento até transformar a lã em fio é produzido totalmente na cidade, na qual todo o procedimento é natural e manual. Na lavagem não se utilizam produtos químicos, sendo o processo de cardação e fiação também artesanal. Isto dá a elas uma identidade única, na qual está se perdendo, pois hoje são poucas artesãs que detém o saber/fazer do processo da lã. Essa identidade é uma identidade coletiva, pois as informações sobre a técnica é compartilhada pelo grupo, isso identifica a Associação como produtora do artesanato de crochê em *jacquard* feito com lã natural.

7. CONCLUSÃO

Esperávamos com esta pesquisa compreender como a técnica de crochê em *jacquard* conseguiu se manter frente a tantas mudanças tecnológicas e sociais. Percebendo que a técnica passou por transformações, mas não no seu modo de fazer e sim no que se refere a criatividade das artesãs em produzir peças diversificadas. Procuramos entender a razão das artesãs desenvolverem essa técnica atualmente, já que é um trabalho difícil e não reconhecido frente aos produtos industrializados que possuem baixo custo e maior produtividade.

A partir das entrevistas percebemos que esta técnica permanece ainda hoje, pois indivíduos que detinham este saber/fazer transmitirão esse conhecimento artesanal não somente no âmbito familiar, mas para fora desse eixo, atingindo assim maior número de pessoas. Como também pelo fato do grupo de pessoas terem formado uma Associação que funciona como ponto de apoio e fomento de artesãos e seu artesanato de forma geral, da mesma maneira que a técnica de crochê em *jacquard*. A prática deste artesanato propicia renda e desenvolvimento local, uma vez que todo processo de produção deste ofício é realizado em Jaguarão e a matéria-prima utilizada, neste caso a lã, também é da localidade.

A técnica do saber/fazer do crochê em *jaquard* realizado pelas artesãs de Jaguarão possui características próprias como todo o processo da produção da lã, onde as mesmas lavam, cardam e logo fazem o fio de lã natural. A partir desta lã, produzem o artesanato de crochê em *jacquard*, onde a técnica não teve mudanças no modo de fazer, modificando apenas a criatividade no momento de criar, construindo e criando peças variadas, assim como indumentária da região, como ponchos, palas e ruanas. O artesanato em *jaquard* não é uma técnica exclusiva das

artesãs de Jaguarão, mas o que torna este ofício diferente de outros é porque este é realizado com lã natural, produzida artesanalmente pelas artesãs. Esse aspecto que o torna característico, que possua uma identidade própria dessa cidade.

Mesmo sendo um trabalho artesanal difícil, pelo fato de ser demorado e complicado de alcançar todo seu processo de produção e também porque o produto final é pouco valorizado, ele proporciona grande satisfação e prazer, pois as artesãs produzem e criam algo em que acreditam e se identificam. Percebem-se no objeto criado que este trás em si grande carga de sentidos, valores e memórias. As artesãs produzem esse artesanato uma vez que a prática esta enraizada em sua própria existência, todas tem um contato próximo e direto com a produção de lã e o trabalho manual. Dessa forma, o artesanato apresentou mais força e visibilidade na cidade de Jaguarão, sendo visto como aspecto identitário da população da cidade.

8. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Francisco. *Desenvolvimento Local e distribuição do progresso técnico, uma resposta às exigências do ajuste estrutural*. Fortaleza, Editora do Banco do Nordeste, 1998

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.2, nº1, 2005, p.68-80

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. *Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. Sociedade & Natureza, v. 20, n. 2, p. 135-155, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As Culturas populares no Capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1995

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 1999

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO. *Relatório de economia criativa*. Nações Unidas, 2010

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006

KELLER, Paulo. *O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea*. Maranhã, Revista de ciências sociais, nº41, 2014.

LE MOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2013

PALANGANA, Isilda Campaner; INUMAR, Lucélia Yumi. *A individualidade no âmbito da sociedade industrial*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 2, p. 21-28, jul./dez. 2001

PORTELLA, Cristina Moore; MENDES, Leonardo Garcia Teixeira. Estampa sobre a estampa: estabelecendo relações entre o jacquard e a estamperia. REDIGE, v. 1, n. 1, 2010.

RIBEIRO, Andressa. *Identidade*. VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Facom, UFBa, Salvador, 2010

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14 ed. Rio de Janeiro, Record, 2009

SILVA, Sandra Siqueira da. *Patrimonialização, cultura e desenvolvimento. Um estudo comparativo dos bens patrimoniais: mercadorias ou bens simbólicos?*. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS Unirio| MAST-vol, v. 5, n. 1-2012, p. 157, 2007.

VARINE, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre, Medianiz, 2013